

## POR UMA ARQUEOLOGIA DO TEATRO BRASILEIRO

José Simões de ALMEIDA JÚNIOR<sup>1</sup>

VENEZIANO, N. **A cena de Dario Fo**: o exercício da imaginação. São Paulo: Códex, 2002.

O “popular” e o “erudito” são temas de acalorados debates por parte daqueles que pesquisam a cultura e as artes, naturalmente caracterizadas por inúmeras ramificações e por fronteiras pouco distintas. A noção de “popular” nas artes cênicas pode apresentar vários sentidos, podendo estar relacionada às camadas sociais, efetivada por aqueles que não têm poder de decisão – conseqüentemente com poucos recursos financeiros e técnicos, resultando numa produção pobre, numa encenação improvisada, etc.; ou, num segundo momento, ser assimilada pelo substantivo abstrato “popularidade”, que significa a presença espetacularizada do público associada à comunicação de massa e à indústria cultural; e, por fim, como memória histórica e tradição. Evidentemente, tais visões não são as únicas nem as verdadeiras, mas dão a medida da dificuldade de se estudar o popular no teatro brasileiro.

*A cena de Dario Fo: o exercício da imaginação* – tese de Livre-docência da pesquisadora e encenadora Neyde Veneziano junto à Escola de Comunicações e Artes da USP – mergulha no denso tema do popular na busca da essência de uma teatralidade à brasileira. Trata-se de um tema sobre o qual a autora pesquisa durante vários anos e que pode ser encontrado em suas outras obras: *O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções* (1991) e *Não adianta chorar: teatro de revista brasileiro, Oba!* (1996).

O livro é apresentado como uma narrativa em primeira pessoa: uma personagem-autora funciona como “testemunha ocular” que escreve uma espécie de diário de anotações acerca dos movimentos de Dario Fo e Franca Rame, além de um registro de suas atividades e reflexões durante os nove meses de convivência e pesquisa junto à *Compagnia Teatrale Fo e Rame* em Milão. Já a leitura dos capítulos iniciais causa um estranhamento em quem espera um tratamento acadêmico e convencional do popular na obra de Dario Fo, ganhador do prêmio Nobel de literatura e figura emblemática do teatro contemporâneo.

Sua narrativa é romanceada e não esconde a perplexidade da personagem-autora diante das descobertas do universo apaixonante da figura carismática de Dario Fo e de Franca Rame, mulher e intérprete dos principais textos do dramaturgo. Porém, a

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – p.simoes@uol.com.br

partir do capítulo três (“Eu vi as profundezas do lago”) até o término do livro (o texto é composto de oito capítulos), a narrativa nos surpreende quando a personagem-autora, ao final de cada capítulo sobre as atividades de Dario Fo e sua Companhia, desnuda e normatiza os procedimentos dos truques teatrais utilizados pelo ator – *Fabulatori*, técnicas do *raconto*, experiências com o teatro de revista, lições do teatro político em espaços não convencionais e, por fim, a própria estrutura do espetáculo de Dario Fo – sem no entanto romper com o ritmo da narrativa proposta em forma de relato do dia-a-dia da companhia de Fo e Rame e deixando explícito o rigor acadêmico e a densidade da pesquisa. Fica evidenciado que a autora se apropria da estrutura teatral de Dario Fo, desde a presença de um prólogo, de peripécias e de surpresas no desenlace – o que imprime ao livro um estilo leve e agradável.

Nas últimas páginas, muitas surpresas: a personagem-autora comenta o plágio que Shakespeare faz da obra de Ruzzante – que atuou também como diretor e ator, considerado por Fo o maior dramaturgo italiano; constituiu fonte de inspiração para Dario Fo, que também plagiou a obra de Ruzzante. Em outro momento a personagem-autora pontua a aproximação das estéticas de Fo e Brecht, ironizando aqueles que transformaram os métodos propostos por Brecht em estruturas complicadas e intelectualizadas.

As observações do final do livro são pontuais, não são análises fechadas. O epílogo não é uma conclusão: trata-se de “vão rasante” da personagem-autora sobre o universo de Dario Fo. A metáfora do “vão”, que Neyde Veneziano utiliza durante todo o livro, não é de maneira nenhuma aleatória: trata-se de um componente metafórico implícito no trabalho de Fo, que ao final de cada prólogo termina com frases do tipo “Dêem asas à imaginação!” A personagem-autora instiga seus leitores a um mergulho profundo nas estruturas do teatro popular.

O teatro de Dario Fo – escrachado, debochado, ácido, desavergonhado, popular –, se observado através de uma visão preconceituosa, pode ser compreendido como um teatro “fácil”, realizado a partir do histrionismo pessoal, que usa e abusa de fórmulas velhas e gastas. O Livro de Neyde Veneziano mostra o contrário – um teatro popular sofisticado, rigoroso na pesquisa e calcado na tradição – e aponta um caminho para a reflexão, por parte da crítica, muitas vezes contaminada pelo senso elitista de um teatro chamado não popular sobre o desenvolvimento de espetáculos das companhias que trabalham com o teatro popular brasileiro.

É certo que no Brasil, especificamente em São Paulo e Rio de Janeiro, a cena contemporânea deve muito às tradições populares, que são utilizadas e incorporadas no cotidiano das encenações, sem no entanto serem reconhecidas ou somente indicadas como “técnicas”; com raras exceções a utilização de tais procedimentos em cena é associada a um vínculo com a tradição popular. O teatro popular é considerado pelo senso comum como um gênero menor, pobre, sem sofisticação; em suma: “popular”

não coaduna com o *status* do teatro elitista. Até porque o ator do teatro popular (não confundir com ator popular) é um artista integrado com sua cultura, conhece seu público e “respira” com ele suas tradições; enfim, atua num teatro com função social. Dario Fo faz isto, mergulha nas suas tradições e quanto mais o faz, mais universal ele fica.

Existe um único senão no livro – relativo à diagramação –, que utiliza um recurso gráfico não adequado para destacar as sínteses propostas pela personagem-autora, rompendo assim com a harmonia e dificultando a leitura.

Neyde Veneziano é uma pesquisadora rigorosa e uma incansável defensora do teatro popular brasileiro. Ao terminar a leitura do livro pode-se questionar: em que Dario Fo estaria relacionado com a pesquisa da personagem-autora na busca de uma teatralidade à brasileira? Ao analisar os procedimentos de Dario Fo, Neyde Veneziano nos revela um comediógrafo popular em que a cena é a determinante do texto – e não o contrário – algo muito próximo do que foi ou é realizado na maioria das vezes pelo teatro popular brasileiro – seja de origem circense, seja do teatro revista, ou do teatro de rua –, de tal maneira que os procedimentos aplicados por Fo não estão distantes daqueles de nosso teatro popular; esse instrumental sistematizado pela personagem-autora pode, de um lado, ser utilizado na cena contemporânea brasileira; e, de outro, ser um indicativo estrutural da existência de uma verdadeira “interpretação à brasileira”, baseada em nossa tradição popular. Talvez seja este o modelo de abordagem a ser utilizado pela pesquisa acadêmica para nos revelar o que percebemos na prática: há um modo brasileiro de representar. Neyde nos aponta tais possibilidades e abre caminho para novas pesquisas sobre o teatro popular brasileiro.

O trabalho apresentado por Neyde Veneziano em seu livro é uma grata surpresa para aqueles que têm no teatro popular a sua manifestação artística ou para aqueles que pretendem utilizar estes recursos em suas obras. Se mais não fora, erige-se como um riquíssimo documento de pesquisa para a constituição de uma arqueologia do teatro brasileiro e, por consequência, da cultura nacional.

## Referências

VENEZIANO, N. **O teatro de revista no Brasil**: dramaturgia e convenção. Campinas: Pontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Não adianta chorar**: teatro de revista brasileiro, oba! Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

